

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA

ELTON JOSÉ ARAUJO CALDAS

**ROUSSEAU: A CONCEPÇÃO NEGATIVA DE PROGRESSO NA
HISTÓRIA**

São Luís
2011

ELTON JOSÉ ARAUJO CALDAS

**ROUSSEAU: A CONCEPÇÃO NEGATIVA DE PROGRESSO NA
HISTÓRIA**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal do Maranhão para obtenção
do grau de licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof^º. Dr. Luciano da Silva Façanha

São Luís
2011

Caldas, Elton José Araújo

Rousseau: a concepção negativa de progresso na História / Elton José Araujo Caldas. – São Luís, 2011.

f. 53.

Impresso por computador (fotocópia)
Orientador: Luciano da Silva Façanha

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão,
Curso de Filosofia, 2011.

1. Rousseau 2. Estado de natureza. I. Título

CDU 1 Rousseau

ROUSSEAU: A CONCEPÇÃO NEGATIVA DE PROGRESSO NA HISTÓRIA

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: ____/____/____

Nota ()

BANCA EXAMINADORA

Prof^o: Luciano da Silva Façanha (Orientador)
Doutor em Filosofia
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a: Maria Olília Serra
Mestra em Filosofia
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Maria do Socorro G. Costa
Especialista em Filosofia
Universidade Federal do Maranhão

*Dedico a minha mãe, **Osvaldina**, mulher de pulso firme, trabalhadora e corajosa, que sempre acreditou em mim.
Ao meu pai, **José Ribamar (Zezico)**, homem de caráter inabalável, minha inspiração de honestidade e dignidade.
In Memoriam.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus irmãos e sobrinhos pelo eterno apoio e carinho recíproco nos momentos mais difíceis.

A duas pessoas especiais, meus tios João Limeira e Maria dos Santos Araujo Limeira (Leudre), que vou levar no coração com muito amor por toda a minha vida, pelo acolhimento e apoio aqui na capital, e aos meus primos pela divisão de espaço.

Aos meus amigos de bairro, do trabalho (Abdias e Luzane) e da Universidade, em especial Josué Figueira, Adryanny Carolyunny, Flaviano Menezes, Carmemilla Batista, Davilene Verônica, Wandyson de Jesus, Carina Câmara, Rafael Pinheiro, Nathália Salazar, Josycléia Diniz, Maryon Abreu e Karine Muniz, pela companhia, paciência, pelos momentos de felicidade, conselhos, zangas e, sobretudo pela compreensão.

Aos meus novos amigos do PIBID pela convivência, momentos bons e conhecimentos adquiridos com a nossa vivência.

Ao Professor Dr. Luciano da Silva Façanha, primeiramente, a dedicação sincera que me foi concedida durante a orientação deste trabalho e também a amizade que se gerou a partir desta atividade, quanto aos conhecimentos obtidos, guardarei enquanto a memória permitir.

Aos professores do Departamento de Filosofia da UFMA dos quais tive a oportunidade de ser aluno, em especial as Professoras: Cynthia Moreira, Maria Olília, Rita de Cássia, Zilmara e os Professores: Almir Ferreira, Lindoberto, Márcio Kléos, Helder; William Coelho e Wandelson Miranda .

Enfim, agradeço a todos que de certa maneira contribuíram para esse momento.

Oh! Homem, de qualquer região que sejas, quaisquer que sejam tuas opiniões, ouve-me; eis tua história como acreditei tê-la lido não nos livros de teus semelhantes, que são mentirosos, mas na natureza que jamais mente. Tudo o que estiver nela será verdadeiro; só será falso aquilo que, sem o querer, tiver misturado de meu. Os tempos que vou falar são muitos distantes; como mudastes! É, por assim dizer, a vida de tua espécie que vou descrever de acordo com as qualidades que recebestes, e que tua educação e teus hábitos puderam falsear, mas que não puderam destruir.

Jean-Jacques Rousseau

RESUMO

Esse trabalho objetiva traçar uma discussão sobre a concepção negativa de progresso na história a partir da visão do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau, enfatizando como o progresso na história da humanidade degenerou a natureza humana. Pretende-se mostrar a preocupação de Rousseau com a vida moral na sociedade, cuja desigualdade é a principal causa de todos os males, desde a criação da propriedade privada, onde o homem começa a perder a inocência original do Estado de Natureza (estado em que os homens vivem antes da instituição do Estado Civil), no qual a liberdade é irrestrita e todos os homens são naturalmente iguais, movidos pelos sentimentos puros e inatos do *amor de si mesmo* e a *piiedade*. Mas, ao longo do tempo sofre uma evolução na sua natureza, desencadeada pela necessidade de se aperfeiçoarem as mudanças históricas do tempo e a cultivação do *amor-próprio* no Estado Civil, do acontecimento à perda da liberdade, da igualdade e do incentivo à luta de classes, conflitos e poder de posse. Analisar-se-á a desigualdade no Estado Civil na perspectiva de um processo de evolução do “progresso” que leva à infelicidade, ocasionada pelo próprio homem, após a saída do Estado de natureza e com o suporte da *perfectibilidade*, que fez o homem adquirir novas paixões, vícios, deixando virtudes essenciais da natureza, como *o amor de si mesmo*, perder espaço para o *amor-próprio*, um dos males da sociedade civil. Nesse sentido, deste trabalho acadêmico trata especificamente do problema do progresso na história no pensamento rousseauiano, tendo em vista uma concepção negativa da história do progresso.

Palavras-Chave: Progresso. História. Desigualdade. Estado de Natureza. Perfectibilidade.

ABSTRACT

This paper aims to trace a discussion of the negative conception of progress in history from the perspective of the Swiss philosopher Jean-Jacques Rousseau, emphasizing that progress in the history of humanity has degenerated human nature. It is intended to show the concern of Rousseau with the moral life in society, whose inequality is the main cause of all evil, from the creation of private property, where the man begins to lose the innocence of the original State of Nature (state in which men live before the institution of the State Civil), in which freedom is unrestricted and all men are naturally equal, driven by pure feelings and innate love of self and compassion. But over time undergoes an evolution in nature, triggered by the need to improve themselves to historical time, and self-cultivation of the Civil Status of the event of loss of liberty, equality and promoting the fight class, conflict and power of possession. Analyze up-to inequality in the State Civil prospect of a process of evolution of "progress" that leads to unhappiness, caused by man himself, after leaving the state of nature with the support of perfectibility, which made man acquire new passions, vices, leaving essential virtues of nature and love of oneself, lose ground to self-love, the evils of a civil society. In this sense, the work, specifically addresses the problem of progress in history rousseaueneano in thought, in view of negative conception of the history of progress.

Keywords: Progress. History. Inequality. State of Nature. Perfectibility.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	SÉCULO XVIII: A IDEIA DE PROGRESSO NO SÉCULO DAS LUZES	12
2.1	A Enciclopédia.....	17
2.2	Jean-Jacques Rousseau: o viajante solitário	20
3	O PROCESSO DA CIVILIZAÇÃO COMO PROGRESSO DA DESIGUADEADE ENTRE OS HOMENS	26
3.1	Estado de Natureza	30
3.2	Linguagem: a expressão da evidência interior	35
4	A HISTÓRICA SOBRE O PONTO DE VISTA NEGATIVO	39
4.1	A concepção cíclica e linear de história.....	42
4.2	A história do declínio	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

Toda e qualquer “empolgação” que o pensamento do século XVIII mostrou em relação ao progresso constituiu-se em diversas vertentes do conhecimento e da prática que ainda contagia a humanidade até os dias de hoje. A razão era o centro das atenções, detentora de todo processo transformador, no que tange a perspectiva política, econômica, científica, social, religiosa e cultural, buscando adquirir meios úteis ao homem na sua “corrida para a felicidade”.

A largada se deu a partir do Renascimento, quando o homem assume uma postura crítica diante do catolicismo, tentando conciliar fé e razão; ganha uma postura ainda mais analítica com a corrente do Iluminismo, num percurso longo, demorado e conflituoso entre a fé no Divino e a fé na razão; a chegada se chamará Ilustração na França, constituindo-se na grande aclamação do racionalismo, contrário as ideias de obscurantismo professadas pela Igreja. O percurso estava feito, enquanto isto, o prêmio estava em disputa: o homem sofria sem saber em quem confiar seus dias felizes.

Formou-se, nesse processo de disputa, uma sociedade também da competição entre os homens (ricos e pobres), o poder, o luxo, o mal e o egoísmo criaram paixões viciadas, necessidades corruptíveis aos desejos mais naturais de sua essência. A concepção de progresso ganha *status* estarrecedores no Século das Luzes e a Igreja entra numa forte crise, dando espaço para a promulgação do “grande racionalismo”, fonte do progresso. O maior empreendimento do século XVIII - a Enciclopédia - será a detentora na distribuição de conhecimentos e críticas aos dogmas religiosos, em textos elaborados por homens defensores das luzes. Dentre estes, há um que percorrerá caminho contrário, sendo o “desmancha-prazeres” da corrente iluminista. O recém-chegado genebrino na Paris do século XVIII, Jean-Jaques Rousseau (1712-1778), que desenvolve ideias totalmente contrárias aos seus contemporâneos, insultando a todos que dispunham a acreditar que este é o percurso para uma vida melhor.

Rousseau identificará na empolgação uma decadência moral e social da humanidade, onde os homens não se dão conta que são eles

próprios causadores de suas misérias e infelicidades, deixando-se levar por uma sociedade de aparências, desigualdades e vícios. A história é o registro precursor desse tempo funesto, depravado, corrupto, cujos homens construíram um puro estado de declínio, também lhes corrompessem os sentimentos bons, originários.

Esta inconformidade faz com que Jean-Jacques Rousseau demonstre para a sociedade vigente a verdadeira história da humanidade, não olhando para o presente, mas, primeiramente, observar o passado na sua gênese, para descobrir os erros cometidos pelo homem neste percurso ininterrupto de progresso. A discussão principia com a idealização de um Estado de Natureza, onde reina igualdade, liberdade e sentimentos bons para o fim no Estado Civil, a desigualdade, a corrupção, o poder, os vícios e sentimentos maus, artificializados, degenerando corações puros. Portanto, a partir dessa situação de desestabilidade e conflito no Estado Civil e identificar no próprio homem o causador do mal na humanidade, Rousseau reconhece que a trajetória linear da história é uma evolução negativa, de puro declínio moral e social.

As implicações apresentadas são imprescindíveis para a escolha do tema aqui tratado, onde será analisado de que modo Rousseau justifica sua concepção de progresso negativo na história. Para isso, estrutura-se este trabalho de maneira que o conteúdo elaborado seja apresentado de forma clara e concisa.

A partir de tais considerações, no primeiro capítulo tratar-se-á sobre o **SÉCULO XVIII: A IDEIA DE PROGRESSO DO SÉCULO DAS LUZES** investigando-se a exaltação da razão como enaltecida do progresso. Este capítulo está subdividido em: **A Enciclopédia; Jean-Jacques Rousseau: o viajante solitário**, o que leva a discussão sobre a importância da Enciclopédia e as ideias iniciais de Rousseau.

No segundo capítulo, versa como ocorrerá o processo de evolução pelo qual o homem sofre, consistindo à perda da originalidade natural para o progresso da desigualdade na civilização: **O PROCESSO DE CIVILIZAÇÃO COMO PROGRESSO DA DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS**. Com a subdivisão em: **Estado de Natureza; Linguagem: a expressão da evidência interior**.

No terceiro capítulo: **A HISTÓRIA SOBRE O PONTO DE VISTA NEGATIVO**, realizar-se-á uma discussão sobre a história como declínio moral e social e a concepção linear de história segundo Rousseau. Este capítulo é subdividido em: **A concepção cíclica e linear de história; A história do declínio**. Espera-se que tais argumentos possam enriquecer o legado do pensamento de Jean-Jacques Rousseau, e aqueles que se dispuserem a compreender tais concepções sobre a natureza da história, que as reflitam numa perspectiva contemporânea da vida social.

2 SÉCULO XVIII: A IDÉIA DE PROGRESSO DO SÉCULO DAS LUZES

Falar de progresso no século XVIII de forma extensiva é também lançar um olhar no interior dos três últimos centenários que o antecedeu. Olhares que mostraram campos propícios ao entendimento da proposta consagrada do Iluminismo na tendência da propagação das “luzes naturais” nas faculdades humanas da razão, da imaginação e da vontade, para conhecer o mundo e construir uma sociedade melhor e feliz, do que a apresentada pelas “luzes sobrenaturais” revelada pela Igreja. Para compreender esta inversão é determinante também pensar nas transformações que culminou o conjunto de ideias proeminentes que abriram caminhos luminosos a cada um destes séculos, percebendo assim, o processo decorrente que viria contribuir fortemente para o século XVIII, no que diz respeito ao contexto intelectual, cultural, social, econômico, político e moral do homem.

Percebem-se nos séculos XV e XVI as primeiras demonstrações fundamentais de esclarecimento concomitantes ao uso da razão em prol de um longo processo de ideias progressivas que se desenvolverão e serão seguidas por séculos posteriores, principalmente no século XVII e no XVIII. Segundo Tarnas Richard¹, a Europa vivia grande energização na produção artística e científica, devido às conquistas marítimas e o contato mercantil com novos povos, ampliando o comércio e a diversificação dos produtos de consumo, o que fez muitos comerciantes gerarem riquezas e acumular fortunas, levando-os a ter condições financeiras para investirem na produção artística de escultores, pintores, músicos, arquitetos, escritores, etc. Sacudindo a comercialização destes produtos, e conseqüentemente, o aumento na produção dos mesmos.

Dentre os países europeus nesta época, destaque para a Itália (cidades Veneza, Florença e Gênova) pela grande quantidade de produção e expressivo movimento artístico e intelectual, que tinha como modelo a valorização da cultura greco-romana, condizente a inteligência, o conhecimento e o dom artístico, pois a partir daí, se auto-afirma nas cidades italianas o movimento chamado Renascimento.

¹ RICHARD, Tarnas. **A epopéia do pensamento ocidental: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo**. Tradução: Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p. 246-249.

Segundo Richard², neste período, também vale destacar o desencadeamento destes avanços no que tange aos questionamentos excessivos à Igreja Católica, pelo seu comprometimento com problemas mundanos e materiais, isto é, o povo começa a perceber irregularidades dentro da Igreja, gerando uma situação de desconfiança no Clero, devido aos diversos problemas com o crescente processo de corrupção, vendas de indulgências, de relíquias religiosas e cargos eclesiásticos importantes, e a perda de poder do Papa (autoridade máxima da Igreja) para monarquias nacionais, o que tornou seu aspecto moral e religioso vulnerável.

O Renascimento surgiu como uma postura crítica e valorativa do homem diante de si mesmo, numa espécie de otimismo, individualismo, espírito crítico, intelectual e científico, que o levará à aproximação entre fé e razão, de forma similar, a revisão de atitudes religiosas, dentre as quais: ideias de interlocução individual com Deus, sem mediação do Clero e a interpretação da Bíblia de forma livre.

Contudo, para Tarnas Richard³, vê-se uma vulnerabilidade na Igreja Católica, fixando-se ao clero resultados insatisfatórios por toda a Europa, principalmente com o surgimento do que se chamou Reforma Protestante de 1517, liderada pelo monge Martin Lutero (1480-1546) na Alemanha em resposta a Igreja Católica pelo mau uso da palavra de Deus para com seus fiéis, ganhando proporções gigantescas por todo o continente.

O homem deste período é o da perspectiva artística, intelectual e por vezes protestante à Igreja, que percebe nestes dois séculos o início de um progresso baseado na sua capacidade de resolver os problemas da época através da razão e apreciação da beleza sensível, expressadas nas obras de artes por artistas europeus.

As transformações que se processam e abalam em diferentes dimensões a Igreja, provoca na mesma a perda do poder absoluto de que gozava sobre os espíritos humanos, entrando, em uma grande crise religiosa, deixando espaço para o século XVII acolher este novo espírito de consciência, principalmente com a vitória da filosofia de René Descartes (1596-1650) o pai do racionalismo (como assim ficou chamado), e a partir do sistema filosófico

² Id.

³ Ibid., p. 255-262.

descrito na obra “*Discurso do método*” (1637), haverá a utilização da dúvida racional como método para se chegar à verdade, mesmo das coisas aparentemente verdadeiras, criando-se o *Cogito, ergo sum* (Penso, logo existo), e edificando todo conhecimento filosófico e científico sobre ideias claras e distintas.

Análogo ao cartesianismo nasce as primeiras ideias de progresso na Inglaterra, defendendo o domínio da razão sobre a visão teocêntrica que ainda dominava a Europa desde a Idade Média, esta, caracterizada como fonte de obscurantismo ao conhecimento humano.

O pensamento racional faz defesa substituta a estas crenças religiosas e ao misticismo, considerando-as bloqueadoras da evolução do homem, cuja razão humana passaria a ser o centro do conhecimento e respostas para diversas questões, que até então eram justificadas somente pela fé. Os ingleses no século XVII foram fundamentais para dissolução destas ideias, em especial Francis Bacon (1516-1626) com a obra *Novum Organum* (1620), centrada sobre a fé na nova ciência de caráter progressivo e cumulativo do conhecimento científico e do domínio técnico; Thomas Hobbes (1588-1679) com a obra *O Leviatã* (1651) apresentando a filosofia política como ciência e técnica da organização social, elevando uma reflexão ao direito do homem a todas as coisas; John Locke (1632-1704) no *Ensaio sobre o entendimento humano* (1690) a partir do princípio empirista de que nada conhecemos, a não ser pela experiência; e Isaac Newton (1642-1727), que propõe a ideia de que os acontecimentos da natureza são governados por leis universais capazes de ser formuladas nos princípios matemáticos, mortificando a concepção medieval de um universo regido por leis divinas.

Consideravelmente, o século XVIII é inteiramente francês na expansão e aperfeiçoamento dessa nova forma de pensar “as coisas mundanas”, emergido pela determinação genética dos três séculos antecedentes, influencia-se de forma múltipla e exaustiva em reconhecer a livre razão não mais submetida a nenhuma autoridade que a transcenda ou a nenhuma regra que lhe é extrínseca, ela é para si mesma, sua própria regra. Através dessa atitude o homem redescobri a sua capacidade racional de se impor de forma livre ao mundo. Luiz Roberto Salinas Fortes fixa essa ideia:

O que importa assinalar, de qualquer maneira, é a nova atitude do homem frente ao universo. Deixava este de ser visto como manifestação de uma transcendência no limite absolutamente incompreensível e se convertia em um campo de exploração a ser submetido livremente à capacidade de julgar, comparar, pensar, avaliar, juntar ou separar de que os indivíduos começavam a se tornar cada vez mais conscientes.⁴

E o que se deve compreender por Período das Luzes? Pode-se dizer que seja a expressão consagrada na sua auto-imagem e na confiança do poder da razão e do progresso na França. Rigorosamente, o país se auto-determina no século XVIII, motivado pelas primeiras ideias Iluministas, transforma-se em um campo cultural efervescente. Os intelectuais iluministas se debruçam na perspectiva do encontro do “grande racionalismo” como força criadora e gestora da inteligência e dos desejos, caminhando junto com o uso liberado e confiante das faculdades do homem. Assim, as palavras de Ernst Cassirer a define: “A razão é o ponto de encontro e o centro de expansão do século, a expressão de todos os desejos, de todos os seus esforços, de seu querer e de suas realizações”⁵.

Com esta característica fluente e essencial em sua definição o Século das Luzes será a época uma época favorável a todo tipo de manifestação que propague o humanismo numa linha envolvente da tríade natureza; razão e progresso, intercalada no contexto exaltador da nova visão de mundo, despertando-os das aparências, configuradas pela Igreja, e para o encontro único da felicidade: o progresso.

A confiança humanista observa nos homens a capacidade de melhorar, graças ao desenvolvimento das ciências e das técnicas, ao se “servir” do espírito das luzes, cujas armas são a crítica, a discussão, o debate público e a liberdade de pensamento, expressando-se contra o obscurantismo. A originalidade deste século traz demonstrações esclarecedoras a fim de ordenar, examinar e desenvolver um percurso histórico com vista ao novo destino universal do pensamento filosófico. Para isto, o Iluminismo é a “chave de ouro” da abertura desse sistema de conhecimento racional, bloqueado pelo pensamento metafísico, quando a razão se manifesta soberana, pertencente

⁴ FORTES, Luiz Roberto Salinas. **O Iluminismo e os reis filósofos**. (Coleção tudo é história) São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 18.

⁵ CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Iluminismo**. Tradução: Álvaro Cabral. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 1994, p. 22.

ao sujeito, exaltadora do indivíduo como senhor de si, palavra de ordem e porta fundamental para desabrochar as novas luzes do progresso.

A postura iluminista é fazer uso da razão em todos os campos do conhecimento, não limitar a capacidade e o desejo de crescimento do progresso da humanidade à felicidade, mas fazer com que o homem seja sujeito da sua própria história. Todavia, este processo intelectual no desencantar da razão é tão impactante na França que passou a se chamar Período da Ilustração, influenciando posteriormente a Revolução Francesa (1789), ditada pelo lema: liberdade, igualdade e fraternidade. O país se constituirá um dos mais eminentes campos da divulgação e prática das luzes, cuja corrente iluminista ganhará força maior com os enciclopedistas, detentores da criação da *Encyclopédia*, na figura de seus principais ilustradores, dentre eles: Diderot, D' Alembert, Montesquieu, Voltaire e Rousseau, com verbetes críticos e estimulantes às novas luzes, acreditando ser o momento da história humana a luz do entendimento da razão.

Este período conhecido como Século das Luzes, caracterizado pela crítica a toda e qualquer crença aos próprios instrumentos, utilizados para obtenção de conhecimento e, por considerá-lo como a finalidade de tornar a vida dos seres humanos melhor, tanto no campo individual, quanto na vida em sociedade, o pensador alemão Immanuel Kant (1724-1804), revela na Alemanha o que ele acredita ser o Iluminismo em um artigo publicado em 5 de dezembro de 1783, *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?* (Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?) A qual define este período como a saída do homem da menoridade usando o próprio entendimento. Sobre essa questão epistêmica, Kant ilustra:

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem da menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento, sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento "*Aufklärung*".⁶

⁶ KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?** Tradução: Floriano de Sousa Fernandes. Textos Seletos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974. p. 100.

Em um contexto histórico, na qual a burguesia possuía poder econômico e reivindicava para si o poder político que se encontrava nas mãos da nobreza e do clero; quando os argumentos fundamentais nas crenças religiosas não eram aceitos para justificar o poder ou a organização das sociedades ou o modo de vida dos seres humanos, período quando também a ciência começa a ocupar um lugar significativo na construção do conhecimento e principalmente a exaltação da razão como fonte do progresso e esclarecimento, Kant parece ter resumido bem a época das luzes introduzindo o conceito de menoridade da época como a incapacidade do homem de se servir de seu próprio entendimento sem a direção do outrem, esta pela qual é responsável, quando para ele a causa reside não no entendimento, mas na falta de decisão, o *Sapere aude!* (ousai saber- coragem de te servir de teu próprio entendimento).

Pois, nota-se que o homem vivia um eterno estado de atrofiamento de pensamentos, a “solução” será a criação da mais nova e impulsionadora da razão, a Enciclopédia, para levar ao público o conhecimento verdadeiro; repleta de verbetes que ditavam uma era empolgante para o entendimento humano, esse é o momento certo, as luzes tinham sido acessas, faltava espalhá-las em direção a todos aqueles que vivem sob o mundo de suas sombras.

2.1 A Enciclopédia

Olhar para o século XVIII é também, observar na sua essência aquela que foi fundamental para o discernimento e propagação no processo de transição das luzes e da razão, principalmente na França, onde se ilustrou uma das mais marcantes histórias do progresso da humanidade. Por ter um caráter crítico e semeador de conhecimento, a elaboração da primeira enciclopédia tornou-se ponto de discussão das novas ideias e representante definitivo do saber, renovando o espírito de uma época singular na história: o Século das Luzes. O espírito motivador para a criação de uma enciclopédia era facilitar a difusão do conhecimento e do saber, de forma universal, popularizando o espírito progressista do Iluminismo. O objetivo era trazer ilustrações para seus leitores e, por conseguinte, formar opinião crítica capaz de combater os males

da época, como o fanatismo, as superstições, o obscurantismo, os preconceitos e a causa de todos os males: a ignorância.

A primeira Enciclopédia será criada em um momento de interesses comerciais, mas seu autor, o livreiro Le Breton, proporcionará inspiração necessária a seus principais coordenadores, que notarão nesta ideia a energia fundamental para representar e difundir os aspectos do esforço e da realização humana, no que tange a extraordinária fé no progresso das ciências e das técnicas, frutos das faculdades humanas e instrumentos gerais da humanidade no recém-liberado ambiente da razão universal da proposta iluminista. Este grande empreendimento editado entre 1751-1772 por seus dois principais editores e criadores Diderot e d' Alembert, terá neste primeiro momento, apenas que traduzir uma enciclopédia inglesa que já existia denominada *Enciclopedié ou Dicionário Raciocinado das Ciências, Artes e Ofícios*. Segundo Luiz Roberto Salinas Fortes⁷, a *Enciclopédia* foi organizada com a participação de aproximadamente 130 colaboradores em 35 volumes publicados (sendo 17 volumes de texto, 11 de ilustrações, além de 4 volumes suplementares de texto e 1 de ilustrações, completados por 2 volumes de índice geral), tornando-se leitura obrigatória, propagando luzes aos homens da época.

A Enciclopédia servia-se principalmente de artigos que debatiam assuntos de relação direta às duas instituições mais poderosas da sociedade: a religião e a Igreja de um lado e de outro as bases de legitimação da autoridade do governante e o regime absolutista de Luís XV. Por esse espírito questionador dos poderes estabelecidos, alguns enciclopedistas padeceram seguidamente de perseguição, prisão e censura, tanto pelas autoridades políticas quanto eclesiásticas.

Segundo Milton Nascimento e Maria das Graças⁸, sobre os eminentes colaboradores enciclopédicos, faz-se necessário na pessoa de Denis Diderot (1713-1784) editor chefe junto com d' Alembert e seguramente uma das personalidades mais marcantes e ousadas da época, somente se tornou conhecido após ter sido convidado pelo livreiro Le Breton, aos 36 anos a traduzir uma “enciclopédia” inglesa, conhecida como *Enciclopédia Chambers*,

⁷ FORTES, Luiz R. Salinas. Op. cit., p. 48.

⁸ NASCIMENTO, Milton Meira do e SOUZA, Maria das Graças. **Iluminismo: a revolução das luzes**. São Paulo: Ática, 2007, p. 30-33.

em cinco volumes. Diderot aceita o convite, mas posteriormente insatisfeito devido às limitações desta, concebe a ideia da *Encyclopedié*. Como líder, influencia contemporâneos a participar com verbetes sobre economia, artes mecânicas, filosofia, política e religião.

Em 1774 Diderot publica sua famosa *Carta Sobre os Cegos*, devido o impacto à crença ortodoxa que esta causou, passou três meses na prisão domiciliar de Vincennes, nos arredores de Paris. O seu amigo e colaborador Jean Lerond d' Alembert (1717-1783) abriu sua participação com um discurso preliminar, servindo de introdução ao primeiro volume, mas também participou redigindo assuntos contemporâneos que envolvesse matemática, filosofia e religião. Outro enciclopedista foi Charles Louis de Secondat, o Barão de Montesquieu (1689-1755), com o verbete sobre *O Gosto*, além de sua obra prima *O Espírito das Leis* (1748) que influenciará ideias políticas na época; mas quem se debruçou mesmo neste empolgante processo foi François Marie Arouet, o Voltaire (1694-1778), responsável pela redação de quarenta e três artigos, principalmente de crítica literária e história, sendo admirador da valorização da razão, tendo-a como a mais importante para se alcançar o conhecimento, entre suas principais obras tem-se as *Cartas Inglesas* (1734) que teve papel decisivo na efetivação do Iluminismo.

Ao aceitar a proposta de Diderot, Rousseau dará seus primeiros passos no mundo das letras. Mas, a empolgação rousseuaneana traça um percurso oposto ao espírito iluminista, desentendendo-se com seus companheiros enciclopedistas, por não acreditar na ideia de progresso pelo uso da razão, dos ofícios e das artes, traçada pelos ideais iluministas, que segundo ele, tornara apenas os homens viciosos, desiguais e degenerados.

Desse modo, um dos mais complicados personagens do século XVIII, também impactante pela postura contrária, na qual tentou influenciar o período da Ilustração. Mas, embora o genebrino discorde da corrente iluminista, a Enciclopédia ainda fornecia a seus leitores uma base para repensar o mundo, usando os critérios determinados pela razão, no que diz respeito ao exercício crítico e a recusa de conhecimentos feitos de preconceitos e superstição, que levavam o homem à ignorância, visto que Rousseau também não cessou o seu discurso de anti-progresso, mesmo sobre críticas dos companheiros enciclopedistas.

2.2 Jean-Jacques Rousseau: o viajante solitário

Compreender os pressupostos que influenciam e permeiam o pensamento de um determinado autor é sem dúvida uma tarefa árdua, principalmente, na medida em que se afasta da sua história. Por isso, parece imprescindível tentar compreender quais circunstâncias levam um pensador a alicerçar suas questões nesse ou naquele problema, faz-se necessário regressarmos aos ambientes em que o mesmo viveu (de Genebra a Paris do século XVIII). Rousseau protagoniza uma história impar em relação aos outros pensadores de sua época, em um mundo de diferentes matrizes teóricas, suas perspectivas foram pensadas e divergidas visando sempre aquele momento vivido, que seja: a grande efervescência intelectual científico e cultural na França do século XVIII.

Neste itinerante contexto, refletir sobre o pensamento rousseauiano é, *a priori*, refletir sobre um ponto de vista que se apresenta tão clássica quanto atual e, ao mesmo tempo complexa, por ser um autor de paradoxos, como o próprio afirmava. Mas, a importância e o legado de questionamentos que ele pensou no seu século, fazem-se pensar ainda hoje, pois ainda é pertinente estudá-lo, quando traz diferentes reflexões para se pensar uma sociedade marcada pela luta de classes. Contudo, Salinas Fortes no livro *O Iluminismo e os reis filósofos*⁹ abre um jogo de perguntas quanto à denominação de Jean-Jacques Rousseau ao indagar: Como classificá-lo? Quem foi Rousseau? Um político, escritor, compositor, educador? Seria iluminista, iluminado, iluminador?

As primeiras objeções são cabíveis, as últimas são contraditórias, pois, como chamá-lo de iluminista, quem raivosamente brigava com os entusiastas enciclopedistas, traçando um caminho contrário à corrente iluminista? Se talvez não se possa dizer com tal convicção que Rousseau era iluminista, têm-se segurança em falar absolutamente que quase todos o odiavam; clérigos católicos, partidos adversos, ou seja, foi o “desmancha

⁹ FORTES, Luiz R. Salinas. Op. cit., p. 65-72.

prazeres da corrente iluminadora¹⁰”. Por isso, é relevante relatar sua caminhada ao sucesso.

Jean-Jacques Rousseau, nascido em Genebra, na Suíça, em 28 de junho de 1712, filho de Suzanne Bernard e Isaac Rousseau, o pai, relojoeiro de profissão e orgulhoso cidadão de Genebra. Segundo Matthew Simpson¹¹, com a morte da mãe, ainda bebê, para suprir a ausência, o pai aproximou-o desde cedo da leitura de livros, principalmente dos historiadores e moralistas, em particular o escritor grego Plutarco (50-125 d.C.). Tinha herdado de sua mãe uma pequena biblioteca de clássicos em grego, latim e francês. Em 1722, o pai, em consequência do desentendimento com um capitão de sua cidade, deixa-o e vai morar em Nyon, também na Suíça, Jean-Jacques, com dez anos, ficou sob a tutela do tio Bernard, enviando-o para estudar, como pensionista na casa do pastor Lambercier, em Bossey, povoado campestre nos arredores de sua mesma cidade natal.

Neste período entre estas duas cidades e abandono do tio, Rousseau se pôs a “virar-se sozinho”. Já aos 16 anos, numa noite de domingo de 1728, depois de um passeio pelos arredores de Genebra, encontra os portões fechados, começando sua caminhada nômade, até receber uma carta de recomendação do padre de Confignon, dirigindo-se a Annency, na França, onde pede proteção e asilo a senhora de Warens¹². Neste período estuda composição musical, escreve poesias, até que circunstâncias abalam sua relação com a mesma, viaja primeiro para Lyon, sendo preceptor de duas crianças, depois decide partir para Paris em 1742, levando nas mãos algumas recomendações, uma proposta para um novo sistema de anotação musical, um manuscrito de uma comédia chamada *Narciso ou o amante de si mesmo* e também uma coleção de poesias, para tentar a sorte na capital francesa.

¹⁰ Id.

¹¹ SIMPSON, Matthew. **Compreender Rousseau**. Tradução: Hélio Magri Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 14-16.

¹² Françoise-Louise de La Tour, baronesa de Warens em Annency, jovem de 29 anos, influenciou decisivamente na vida de Rousseau, era protestante de origem, recentemente convertida ao catolicismo, tinha uma pensão para jovens desencaminhados, dando-lhes abrigo e os catequizando. Rousseau converteu-se ao catolicismo (abandonando o protestantismo herdado dos pais) e passou a nutrir uma paixão por ela, tornando-se amante, sob a proteção da “Maman” (como assim a chamava) passou a viajar por cidades, como Turim. Na volta de uma dessas viagens encontrou a senhora Warens na companhia de outro jovem. Sentindo-se traído, Rousseau decidiu abandoná-la. (FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Rousseau: o bom selvagem**. São Paulo: FTD, 1989, p. 17-18.).

Em Paris, encontrava-se uma grande concentração de talentos jovens, ambiciosos e alucinados pelo Iluminismo, ofuscando sua presença. O recém-chegado genebrino tinha em suas mãos as cartas de recomendações de seus amigos em Lyon, dando-lhe logo acesso aos círculos sociais mais elevados da metrópole. Passa a dar aulas de música para sobreviver e ao mesmo tempo trava relações com algumas personalidades mais influentes do então efervescente mundo cultural parisiense, principalmente o amigo Diderot, escritor entre a intelectualidade parisiense. O talento pela composição musical e literária faz com que Jean-Jacques Rousseau seja logo chamado para apresentar seu *Projeto de um novo sistema de notação musical*¹³ para a Academia de Ciências.

No ano de 1745, conheceu Thérèse Levasseur, uma pobre jovem que lavava roupas na residência em que se hospedava. Atraíram-se, passando a viverem juntos até o fim de sua vida, chegando a ter cinco filhos, abandonando-os um a um em orfanatos da mesma cidade, alegando não serem capazes de educá-los por falta de condições financeiras. No mesmo ano, o seu amigo Denis Diderot convidou-o para escrever verbetes sobre música para a *Encyclopédia ou Dicionário Raciocinado das Ciências, Artes e Ofícios*, ilustrando o empreendimento.

Apesar de todo o trabalho neste período, o evento mais significativo na vida de Rousseau será o famoso incidente na estrada de Vincennes (quando visitava Diderot, preso pela publicação da sua *Carta sobre os Cegos*), momento decisivo no seu percurso filosófico. Em uma dessas visitas, lê no jornal *Mercur de France*¹⁴ o enunciado da questão proposta pela Academia de Dijon em 1750, que lhe rendeu o prêmio a partir da seguinte questão: “O restabelecimento das ciências e das artes contribuiu para o aprimoramento dos

¹³ O *Projeto de um novo sistema de notação musical* é reprovado por unanimidade pela Academia de Ciências, por apresentar problemas, confirmados então pelo grande compositor e teórico musical francês da época; Jean-Phillipe Rameau. Apesar desse episódio, o talento de Rousseau foi reconhecido, obtendo respeito de pessoas importantes da alta sociedade parisiense, sendo logo convidado para se tornar secretário do embaixador de Veneza, na Itália; obteve grandes benefícios, principalmente, a ouvir o que tinha de bom na música italiana, executadas pela melhores orquestras da época, influenciando bastante suas teorias musicais e composições, onde também despertou seus primeiros vínculos por teoria social e política. (SIMPSON, Matthew. **Compreender Rousseau**. Tradução: Hélio Magri Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 25-26.).

¹⁴ O *Mercur de France* era um jornal literário francês que foi publicado inicialmente de 1672-1724 (com interrupção entre 1674-1677). Desempenhou um papel importante no debate sobre a questão das artes e a literatura do século XVII. (FORTES, Luiz R. Salinas. Op. cit., p.30).

costumes?” A partir daí, Rousseau fica intrigado, surgindo vários *insights*, posteriormente relatados a Diderot, que o encoraja a dar sequência a suas ideias. O resultado é sua primeira obra: o *Discurso sobre as ciências e as artes* (1750), na qual responderá de forma negativa e crítica a questão proposta pela Academia, dizendo que a ciência e as artes serviram apenas para corromper o homem e, este progresso exaltador da alta cultura, desde a Renascença havia deixado a civilização menos feliz em termos moralistas, abrindo assim, uma ferida na ideia de progresso do Século das Luzes. Diante desta declaração, a aclamação pública se manifestou, principalmente a classe intelectual francesa, agitando o contexto cultural da época, como também a vida de Rousseau, transformando-o em escritor de sucesso, passando a frequentar os salões parisienses.

A vida tumultuosa pós-*Discurso*, as críticas feitas à sua resposta e a exaltação de sua coragem discursiva possibilitarão ao genebrino a chance de demonstrar pela via da história o que tinha começado no *Primeiro Discurso*, em mais um concurso da Academia de Dijon de 1753, com a seguinte questão: “Qual é a origem da desigualdade entre os homens, e a mesma é autorizada pela lei natural?” Concorre com o *Discurso sobre origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (publicado em 1755 e também escreve o *Discurso sobre a economia política*), não ganhará o prêmio, mais tal discurso será impactante para o século XVIII, pois a partir da criação de um estado hipotético da história, delineará aspectos característicos de uma natureza humana boa para um estado marcado pela corrupção, dando ênfase a história da queda e da desnaturação perversa do homem pela ideia de propriedade privada, que acirra a luta de classes, na qual a voz do mais fraco não tem vez, contestando o progresso apoiado pelo Iluminismo como degeneração do homem.

Após o sucesso carregado de críticas, Rousseau volta para Genebra em 1754, reintegrando-se a mesma, principalmente no campo, onde encontrará a paz para seu novo trabalho, o romance *Júlia ou a Nova Heloísa* (publicado somente em 1761) que conta a história de amor, dedicação, perdas, família, educação, ciência e arte. Em 1758, se desvincula de vez do seu amigo Diderot e demais enciclopedistas ao redigir a *Carta a d' Alembert sobre os Espetáculos*, fazendo críticas contundentes ao teatro francês.

Estava tudo da melhor forma possível, até o genebrino se engajar em um trabalho filosófico duplo, passando a escrever dois livros (publicados em 1762) que viria levá-lo a um período de pura perseguição e exílio. No primeiro, *Do Contrato Social*, buscará instrumentos na vida pública capaz de estabelecer critérios sociais para organização do modo de viver coletivamente sob o signo da virtude, para isto, propõe um novo pacto fundado em uma nova ordem, mediante a qual todos os homens sejam compreendidos como possuidores da soberania, o povo; jogando água fria no governo absolutista da época e ascendendo luzes àqueles descontentes com a forma de governo vigente, posteriormente, segundo Matthew Simpson¹⁵ sendo “O Livro” impulsionador da Revolução Francesa (1789).

Por ser um afrontamento ao Regime Absolutista, é condenado tanto em Paris como em Genebra; o *Emílio* ou *Da Educação*, uma narrativa fictícia da educação de um jovem chamado Emílio pelo seu tutor Jean-Jacques, que traça um programa educacional controlado desde a infância até o final da adolescência, com objetivo de transformá-lo num adulto feliz e útil. Simpson¹⁶ relata que o livro *Emílio*, por ser considerado ofensivo à Religião Católica, foi condenado pelo Parlamento de Paris à fogueira e, seu autor à prisão, sendo o livro queimado em praças públicas.

Os últimos anos da vida de Rousseau foram de inversões por vezes chocantes, do auge da fama e influência que havia alcançado com seus primeiros escritos, agora se achava acuado pelo medo, pelas perseguições, debilitado por algum tipo de doença e abandonado pelos amigos. Segundo Luiz Roberto Salinas Fortes:

Rousseau foi considerado um perigoso subversivo e teve que passar a sua vida toda fugindo. É por isso também que fazia datar o momento em que sua vida se transformara em um verdadeiro pesadelo e infortúnio, da sua dedicação à espinhosa carreira das letras que abraçara com tanto ardor e talento.¹⁷

Rousseau foge para Suíça, imaginando encontrar proteção, mas estava enganado. Em 1764, refugia-se na Inglaterra a convite do filósofo

¹⁵ Ibid., p. 40-44

¹⁶ Ibid., p. 177.

¹⁷ FORTES, Luiz R. Salinas, Op. cit., p. 70.

escocês David Hume (1711-1776), autor dos *Ensaio sobre o entendimento humano* (1742), pensando ser alvo de conspiração, volta para França em 1767, em Trye. Segundo Salinas Fortes¹⁸, o genebrino percebe que os ânimos já tinham acalmado em Paris, Rousseau ver o desejo concedido de voltar à capital francesa pelo ministro Choiseul, passando a residir em um pequeno apartamento, decide escrever as *Confissões* (1770), para se defender de seus acusadores. O discurso será lido em público. Com a saúde já debilitada, Rousseau morre em 2 de julho de 1778 em Ermenonville, em circunstâncias enfermigas não inteiramente esclarecida.

Por estes e outros trabalhos, a audácia de um genebrino recém-chegado a uma nova pátria é tão grande quanto ao seu talento autêntico em perceber na essência do Iluminismo, no auge da efervescência de seu século, o mal que segundo ele feria a natureza humana. O também o véu de aparências criado pela ideia de progresso e jogado sobre a moral alheia, infringindo o homem a se deixar levar pelos vícios e o luxo trazidos por este movimento. Para Jean-Jacques Rousseau a essência humana nasce boa, mais sendo moldada pelo artifício desse progresso se tornará mal e corrupta. Para tal demonstração, busca um estado hipotético fora do percurso histórico até então criado pelo homem.

Portanto, a história hipotética da humanidade a partir do estado primitivo que se estende ao longo do percurso da desigualdade para um estado social, em que o homem degenera. Rousseau encontra na filosofia, por ter um caráter discursivo, o espaço ideal para argumentar e analisar este processo histórico que o faz refletir: A história dos homens é de progresso para o bem ou de declínio moral e social?

¹⁸ Ibid., p. 24.

3 O PROCESSO DA CIVILIZAÇÃO COMO PROGRESSO DA DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS

A sociedade europeia do século XVIII era só empolgação com o espírito de progresso fincado pelo Iluminismo, nesta renovação a outra ordem que não é a Igreja e nem o poder absolutista, mas o próprio homem direcionado pela racionalidade colocando-se no mundo como o senhor de si mesmo, do agir conforme a magnitude de seu pensamento, sem interferência de divindades. O que não foi tarefa fácil: teremos, nesta empolgação intelectual conflitos entre poderes vigentes da época acudados e sufocados pela nova forma de pensar o homem e suas relações sociais, liderado por homens esclarecidos e participantes da *Encyclopedié*, estes, dispostos a encontrar o caminho da felicidade por via do restabelecimento das ciências e das artes, como também no progresso da razão.

Se toda a Europa envolveu-se, a França é visivelmente o palco da Ilustração. Para Salinas Fortes¹⁹ é na florescente Paris que se apresenta um genebrino exaltado pelo talento, pela coragem e críticas autênticas, posteriormente perseguido pelo fundamento das obras redigidas. Jean-Jacques Rousseau vive este contexto esclarecedor do progresso da razão, participa do empreendimento enciclopédico, mas por sua vez, decide percorrer um caminho contrário, ao identificar neste crescente processo histórico do progresso da civilização, a decadência dos costumes e o problema das desigualdades sociais entre os homens.

Rousseau investiga este processo civilizatório de decadência, a partir da sua questão central: a desigualdade. Para Rousseau, a sociedade é o objeto de meditação, levando-o a perceber que além das variadas condições e diferenças de cada povo, existe uma desigualdade muito maior, marcada pela aparência, onde ricos se sobrepõem aos pobres, poucos gozam do privilégio dos mesmos direitos. Neste ponto, o genebrino observa o mal social como degeneração da natureza originária, cujos homens são bons por essência. Esta plenitude investigatória sem dúvidas é o homem moral, para isto, parte do pressuposto que para conhecê-lo é preciso ir até a essência e depois julgá-lo

¹⁹ Ibid., p. 21.

na sua condição atual, fazendo um percurso histórico da sua origem primitiva à sociedade do progresso negativo, do artifício, da desigualdade e da corrupção humana.

Tudo se inicia quando Rousseau caminha pela estrada de Vincennes e ao ler o jornal *Mercure de France* (na qual trazia uma proposta feita pela academia de Dijon em 1750, com a questão: O restabelecimento das ciências e das artes contribuiu para o aprimoramento dos costumes? concorre com o *Discurso sobre as ciências e as artes*, embora respondendo de forma negativa, é premiado, afirmando que os progressos na arte, na ciência e na tecnologia só serviram para tornar os seres humanos menos virtuosos e menos felizes, onde o sofrimento não é herança da natureza humana, mas arranjos sociais que reprimem as qualidades virtuosas e criam outras destrutivas a si mesmas.

Segundo o autor, o restabelecimento das ciências e das artes é o despertar dos desejos para o ócio, o luxo, o vício e riquezas, corrompendo os costumes naturais, tornando os homens seres egoístas, cuja curiosidade do talento quer atingir um grau de perfeição e as virtudes perdem seu reinado, introduzindo uma funesta desigualdade entre os homens, certamente contida no mal do próprio curso do mundo e a mesma, glorificada como bom gosto às luzes do século XVIII. Citando Rousseau:

Onde não existe nenhum efeito não há nenhuma causa a procurar; nesse ponto, porém, o efeito é certo, a depravação é real, e nossas almas se corromperam à medida que nossas ciências e nossas artes avançaram no sentido da perfeição. Dir-se-à ser uma infelicidade própria de nossa época? Não, senhores; os males causados por nossa vã curiosidade são tão velhos quanto o mundo. (...). Viu-se a virtude fugir à medida que sua luz se elevava no nosso horizonte e observou-se o mesmo fenômeno em todos os tempos e em todos os lugares.²⁰

Se as luzes triunfam para o progresso das ciências e das artes, Jean-Jacques Rousseau deixa claro na sua crítica no início do *Primeiro Discurso*, o seguinte posicionamento: “Não é em absoluto a ciência que maltrato, disse a mim mesmo, é a virtude que defendo perante homens

²⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Tradução: Lourdes Santos Machado. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 337.

virtuosos”²¹. Desde já, ele não nega a ciência, mas o que os homens fizeram dela: uma ilusão dissimuladora dos verdadeiros sentimentos e ordem moral, marcada pelo jogo de aparências entre o ser e parecer, renunciando a inocência original e deslumbrando-se no mundo de abstrações proferidas por males do próprio processo de progresso na história, principalmente, a decadência do cidadão virtuoso. Aqui, a desigualdade se dá pela supervalorização dos talentos sobre as virtudes, enquanto no *Segundo Discurso*, a gênese da desigualdade é analisada em diferentes etapas e fatos característicos da evolução histórica da vida em sociedade.

Da intuição na estrada de Vincennes para o bosque de Saint-Germain, aos arredores de Paris, lugar onde Rousseau encontrará a saúde do corpo, a liberdade de espírito e escutará as reações do seu eu natural para momentos de reflexão, liberdade, felicidade e refúgio contra homens corrompidos da cidade, escreverá a resposta a outra questão proposta pela academia de Dijon: “Qual é a origem da desigualdade entre os homens, e é ela autorizada pela lei natural?” Já reconhecido pelo sucesso na resposta dada à primeira questão, o mais novo homem das letras, vê a chance de demonstrar a verdadeira origem do mal, a desigualdade entre os homens a partir da própria história da civilização em um *Segundo Discurso*, descrevendo uma história hipotética da humanidade em circunstâncias universal, examinando o progresso das faculdades humanas de forma funesta e o resgate de virtualidades de um estado de natureza, que segundo o mesmo, nunca tenha existido, renegando severamente o estado civilizatório, identificando-o como corruptível aos sentimentos naturais.

Para se compreender a fonte da desigualdade entre os homens e o processo de alteração da essência humana, Rousseau cria um dinamismo contraditório entre natureza e sociedade, onde entre o estado de natureza e o atual estado de civilização, a propriedade privada é a verdadeira fundadora da sociedade civil, ruína dos sentimentos naturais, desencadeadora da corrupção. Veja as palavras do autor do *Segundo Discurso*:

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou

²¹ Ibid., p. 333.

peças suficientemente simples para acreditá-la. Quantos crimes, guerras, assassinios, misérias e horrores não pouparia ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: "Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!" Grande é a possibilidade, porém, de que as coisas já então tivessem chegado ao ponto de não poder mais permanecer como eram, pois essa ideia de propriedade, dependendo de muitas ideias anteriores que só poderiam ter sucessivamente, não se formou repentinamente no espírito humano²².

A partir do repouso primitivo, a desigualdade entra em movimento junto com o progresso da sociabilidade, fazendo caminhos irreversíveis para a depravação. Mas, antes dessa fonte de desigualdade há também aquela que possibilitou o selvagem exprimir a capacidade de aperfeiçoar-se às condições de possibilidades que propiciaram a passagem do estado primitivo para o social, sendo fonte tanto das virtudes quanto dos vícios; a perfectibilidade, condição adaptativa de o homem realizar a ação de progresso ao longo do tempo. Na visão de Jean Starobinski²³, Rousseau colocará a evolução humana em um constante movimento de potência ao ato, isto é, da força das faculdades mentais à ação de perfectibilidade.

O desenvolvimento das faculdades humanas ocorrerá da capacidade e liberdade de aperfeiçoamento da condição de independência com a natureza para a relação de dependência com o outro, que acaba gerando aproximações por necessidades de sobrevivência, principalmente com as catástrofes naturais, estímulos ambientais e os mecanismos de perfectibilidades individuais: a pesca e a caça.

Com o princípio da técnica na construção de cabanas há um compartilhamento do mesmo espaço, surgem também a agricultura (trigo), a metalurgia (ferro) e os sinais de posse, interferindo no curso dos processos naturais, brotando a divisão do trabalho e a propriedade privada e tirando o homem de sua condição natural, na qual vivia livre e feliz, para servir-se a escravidão.

²²ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução: Lourdes Santos Machado. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 259.

²³STAROBINSKI, Jean. **A transparência e o obstáculo; seguido de sete ensaios sobre Rousseau**. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 225.

Então, é instituída a sociedade civil, segundo Rousseau, o puro estado de miséria humana, onde todos começam defendendo seus direitos e lutam por direitos dos outros, gerando guerra, ambição, corrupção, e principalmente, o maior de todos os males: a desigualdade. Para combater os conflitos, cria-se a ideia de um acordo: o “Pacto Social”, que estabelece leis e regulamentos a todos, obrigando-os igualmente a respeitar. O Direito Civil torna-se a única regra comum aos cidadãos, destruindo a liberdade natural e criando uma disputa de superioridade de ricos sobre pobres. No *Segundo Discurso*, Jean-Jacques analisa este domínio definitivo de classe, dessa forma:

Tal foi ou deve ter sido a origem da sociedade e das leis, que deram novos entraves ao fraco e novas forças ao rico, destruíram irremediavelmente a liberdade natural, fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade, fizeram de uma usurpação sagaz um direito irrevogável e, para lucro de alguns ambiciosos, daí por diante sujeitaram todo o gênero humano ao trabalho, à servidão e à miséria.²⁴

Rigorosamente, Jean-Jacques Rousseau condena o progresso, pois se o homem perdeu a inocência é culpa dele mesmo, por deixar-se levar por novas paixões, cultivando preferências que o levou ao forjamento moral e social. A civilização deixa-se sufocar pelo mal que não reside na natureza humana, mas nas suas próprias estruturas sociais, porque logo que ele deixa o estado natural, sente-se vulnerável e deseja aparecer para assegurar a existência, além de desejar suas necessidades, deseja também a do outro. Enquanto a sociedade torna os homens fúteis, viciosos, orgulhosos, vaidosos, invejosos com sede de poder, despertando paixões maldosas, o Estado de Natureza jamais produzirá progressos sem limites, que condene virtudes tão boas e responsáveis por sentimentos naturais.

3.1 Estado de natureza

O Estado de Natureza, não é um imperativo moral ou norma prática, do qual se pode adequar-se, mas um postulado teórico que recebe evidência concreta pela virtude de uma linguagem natural. Não se caracterizará como um

²⁴ ROUSSEAU, op. cit., p. 269-270.

período histórico e sim fora da história, pois não há nenhum monumento para testemunhar. O cenário é extremamente propício à sobrevivência humana, habitado por homens primitivos e essencialmente bons, mas que veio a sofrer alterações a partir da própria evolução da espécie, que seja: no tempo e no espaço. Para demonstrar o processo de decadência, tanto do ponto de vista moral quanto social, Rousseau parte de dois princípios totalmente dicotômicos entre Estado de Natureza e Estado Social, sendo que na passagem de um para o outro, Rousseau propõe uma reconstituição do homem natural.

A separação feita por Rousseau, no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, no que seja natureza e história é o meio pelo qual o mesmo introduz a noção de Lei Natural entre a Lei da Natureza e a Lei Positiva (dos homens) para demonstrar as diferenças de desigualdades em cada estado vivido pelo homem, submetido pelo processo histórico de privilégios de uns em detrimento de outros:

Concebo, na espécie humana, dois tipos de desigualdade: uma que chamo de natural ou física, por ser estabelecida pela natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito e da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos vários privilégios de que gozam alguns em prejuízo de outros, como o serem mais ricos, mais poderosos e homenageados do que estes, ou ainda por fazerem-se obedecer por eles.²⁵

Nota-se, nos distintos períodos que, no primeiro estágio, o homem primitivo tem corpo físico vigoroso, ágil e submetido somente as necessidades do corpo, vivem isoladamente, a capacidade de conceber ideias sobre as coisas se constituirá por longo processo laborioso, ou seja, os únicos desejos que o homem conhece são os do corpo, alimentados pela liberdade e virtude de uma natureza comum a todos, cujo único direito lhe é conferido pela lei imutável da própria natureza. Enquanto que, no segundo, a força do corpo é debilitada, pois tem as máquinas para fazer seus serviços. Na luta de classe entre ricos e pobres, os indivíduos são marcados pelo ócio, vícios e desejos, movidos por paixões destrutíveis à natureza humana, a liberdade é limitada em

²⁵ Ibid., p. 235.

respeito a Leis Civis instituída pelo Pacto Social, criado com a propriedade privada e deixando a natureza submetida às Leis e ao Direito Positivo.

Tem-se que, quando o homem tornou-se sociável, a força regrediu, a vida ficou debilitada pelo progresso tênue da desigualdade. Neste dicotômico processo histórico de duas naturezas apresentadas no *Segundo Discurso*, Rousseau não receia em distingui-las:

Evitemos, pois, confundir o homem selvagem com os homens que temos diante dos olhos. A natureza trata todos os animais abandonados a seus cuidados com uma predileção com que parece querer mostrar quanto é ciosa desse direito. O cavalo, o gato, o touro, o próprio asno têm, na maioria, uma estatura mais alta, e todos uma constituição mais robusta, mais vigor, força e coragem quando nas florestas do que em nossas casas; perdem a metade dessas vantagens tornando-se domésticos e poder-se-ia dizer que todos os nossos cuidados para tratar bem e alimentar esses animais só conseguem degenerá-los. Acontece o mesmo com o próprio homem. Tornando-se sociável e escravo, torna-se fraco, medroso subserviente, e sua maneira de viver, frouxa e afeminada, acaba por debilitar ao mesmo tempo sua força e sua coragem.²⁶

O filósofo fala com clareza que não há nenhuma possibilidade de sociedade no estado natural, todos vivem praticamente em condições idênticas, a diferença está na intensidade da consciência e na qualidade de aperfeiçoar-se mediante as circunstâncias da natureza.

Todavia, o genebrino coloca o estado de natureza fora da história. Mas então, como ele explicará esta ausência e como o homem pôde cair na história?

A perfectibilidade é a culpada, pois, a capacidade de aperfeiçoar-se sobre a consciência ingênua do homem primitivo é o caminho espinhoso que conduz ao processo de evolução. Nesta incessante busca adaptativa provocada por necessidades, o homem adquire algumas paixões que o fazem desejar coisas que até então os olhos não tinha percebido.

Dentre as paixões, Rousseau trata de dois sentimentos específicos do homem: *o amor de si mesmo* e *o amor-próprio*, termos referidos especificamente no *Emílio ou Da Educação*, no que tange a propriedade privada, as desigualdades e aos vícios, dentro do âmbito reflexivo do estado de

²⁶ Ibid., p. 241.

natureza e das virtudes, conduzem o homem primitivo ao social. Citando Rousseau:

O amor de si mesmo, que só a nós diz respeito, satisfaz-se quando nossas necessidades estão satisfeitas; mas o amor-próprio, que compara, nunca está satisfeito e no o poderia estar, por que tal sentimento, em nos preferindo aos outros, exige também que os outros nos prefiram a eles; o que é impossível. Eis como as paixões ternas e afetuosas nascem do amor a si mesmo, e como as paixões odiantas e irascíveis nascem do amor-próprio.²⁷

Esta transformação acontece também mediante um grau de evolução da invenção da agricultura e da metalurgia, da divisão do trabalho, seguida pelo estabelecimento da propriedade privada, intensificando as relações sociais, os conflitos de interesse e as luzes da razão, abafando a voz da consciência inocente do Estado de Natureza. Pois, o *amor de si mesmo* é natural, impele o animal a conservar a própria espécie, praticando o bem; já o *amor-próprio* é nascido da sociedade civil, inspira aos homens a prática dos males, tanto de si mesmo, quanto dos outros, predominante na civilização, levando-a a destruição, por isso, jamais pode ter existido no homem natural.

Apesar de Jean-Jacques Rousseau fazer alusão aos dois sentimentos desde os *Discursos*, somente no Livro IV do *Emílio ou Da Educação* é que vai conceituá-los. Sendo a fonte de todas as paixões, o amor de si mesmo junto com piedade, as únicas nascentes do homem, são restritas a sua liberdade, todas as outras vêm de fora, das modificações da natureza, pois além de serem boas, nunca o deixam durante a vida, sendo seu principal cuidado a sua própria conservação. Contudo, o amor-próprio se desenvolve com o estabelecimento das relações sociais, do surgimento dos desejos de dominação e prestígio de um sobre o outro, desalojando o amor de si mesmo e conhecendo a negatividade do eu, da contradição consigo mesmo.

Dessa forma, percebe-se que as necessidades forjadas pela sociedade incitaram o primitivo a se colocar numa funesta relação de desejo entre o eu e outro para além da sua própria condição humana. Do olhar pelo sofrimento, da virtude incessante de conservação da espécie. Devidamente, o Estado Civil afrouxou o coração humano, tornando-o desamoroso consigo

²⁷ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 236-237.

mesmo, criando uma relação de subjugo da inocência original, da indiferença, da inveja, da liberdade e miséria, que valorizaram aquisições de um poder positivo, corrupto, em vez dos sentimentos e leis naturais, que poderiam constituir homens melhores e felizes.

Se a natureza encarregou-lhes de atribuir paixões que autopreservasse, o mesmo teve a audácia de ir contra sua própria essência, corrompendo-as por necessidades que instituiu desejos irreversíveis, transformando-o destrutivo à espécie.

Talvez por falta de sabedoria o homem selvagem se deixou levar por tais males, que sujeitou a todos uma vida decadente, onde do rico ao pobre sofrem desses desejos miseráveis. Mas Rousseau coloca um sentimento comum a todos: a *piedade*, o primeiro sentimento que toca o coração humano, na aproximação e conservação mútua da espécie: “A piedade é doce porque, colocando-nos no lugar de quem sofre, ainda sentimos o prazer de não sofrermos como ele”.²⁸ A faculdade do ato de partilhar o sofrimento alheio e fonte das futuras virtudes sociais, capacidade de sair de si e identificar-se com o outro, livrando-se do egoísmo civilizado e servindo de lei no Estado de Natureza, Jean-Jacques Rousseau diz o seguinte no *Segundo Discurso*:

Certo, pois a piedade representa um sentimento natural que, moderando em cada indivíduo a ação do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie. Ela nos traz, sem reflexão, socorrer aqueles que vemos sofrer; ela, no estado de natureza, ocupa o lugar das leis, dos costumes e da virtude, com a vantagem de ninguém sentir-se tentado a desobedecer à sua doce voz; ela impedirá qualquer selvagem robusto de tirar a uma criança fraca ou a um velho enfermo a subsistência adquirida com dificuldade, desde que ele mesmo possa encontrar a sua outra parte; ela em lugar dessa máxima sublime da justiça raciocinada-*Faze a outrem o que desejas que façam a ti-*, inspira a todos os homens esta outra máxima de bondade natural, bem menos perfeita, mas talvez mais útil do que a precedente-*Alcança teu bem com o menor mal possível para outrem*.²⁹

Enquanto o amor-próprio engendra os males, afligindo o agir do ser homem, Rousseau no *Emílio ou Da Educação* caracteriza a piedade, coloca-a na condição de sofrimento pelo outro, despertando comoção e transportando-a

²⁸ Ibid., p. 247.

²⁹ ROUSSEAU, op. cit., p. 254.

para fora de si, identificando o homem com um animal quando olha outro da mesma espécie sofrer, entrega-se também ao mesmo transtorno como se fosse dele também, despertando uma linguagem de expressão do ardor demasiado da vivacidade, tornando-se sensível até mesmo sem saber o que está sentindo. Assim, a linguagem da expressão se torna a única via de comunicação para expressar os sentimentos e calentos do estado de natureza, mas foi corrompida pela sociedade, por uma língua vã e imitativa à natureza.

3.2 Linguagem: a expressão da evidencia interior

Lançar um olhar sobre a Linguagem, que se caracteriza de múltiplas formas de expressão comunicativa na sociedade é perceber, no seu interior, a evidência formativa deste instrumento linguístico, tão necessário na história da humanidade. O caminho encontrado por Jean-Jacques Rousseau é um percurso reflexivo voltado à gênese das línguas, desde àquela que falava ao coração no estado de natureza ao uso imitativo e articulado que engendrou ao amor-próprio.

Se o progresso encaminha o homem para a desigualdade, a linguagem também pega esta via indolente do artifício, quando se faz impossível a organização dos seres humanos em sociedade sem a força da linguagem, por isso, é fato dizer que as duas surgiram praticamente ao mesmo tempo. Rousseau é minucioso no que tange as características que fizeram o homem usar a linguagem para progredir, na relação do “eu” com o “outro” e o mundo. O Professor Luciano Façanha observa no pensamento de Rousseau o seguinte:

Discute a questão do “aperfeiçoamento” dos homens e aponta o **desenvolvimento da linguagem**, como um dos fatores que contribuiu para infelicidade do homem. Aos olhos de Rousseau, a evolução da linguagem está associada às transformações do homem da sociedade. Do ponto de vista histórico, o “desenvolvimento” da linguagem caracteriza-se com a saída do homem de um estado de não linguagem para um estado de linguagem.³⁰

³⁰ FAÇANHA, Luciano da Silva. **Para ler Rousseau: uma interpretação de sua narrativa confessional por um leitor da posterioridade**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2006. p. 50-51.

Embora, o filósofo genebrino faça uma análise no *Discurso sobre origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, inserindo uma história da linguagem no interior da história da sociedade. O tema é explorado com especificidade somente no *Ensaio sobre a origem das línguas*³¹, fazendo o contrário, introduzindo um percurso histórico da sociedade dentro de uma historicidade da linguagem.

Tendo-se que para Rousseau a trajetória do progresso das línguas é marcada pelas necessidades e paixões, este avalia que: “Pode-se, pois, crer que as necessidades ditam os primeiros gestos e que as paixões arrancam as primeiras vozes”.³². Destas primeiras vontades de fazer uso da voz, expressar a liberdade de se aperfeiçoar enquanto homem primitivo desprovido de linguagem para exercer a relação de comunicação, tornar-se social e corrompido pela astúcia da civilização. A subjetividade do “Eu” calou-se, a manifestação direta com seu interior é pura aparência, o amor de si mesmo, não tem força para falar ao coração, ficando submetido aos artifícios do amor-próprio, dos desejos mais pervertidos e dos progressos da razão.

No *Segundo Discurso*, Jean-Jacques marca o progresso das línguas, a partir do momento que o homem primitivo passou a sofrer com as mudanças climáticas, a invenção da técnica, da agricultura e da metalurgia, este aperfeiçoamento levou-o a se aproximar do outro. Os indivíduos saem de seu *hábitat* natural para o ambiente da relação, do uso da voz ativa, que os obrigam a lutar contra a natureza; o processo de aproximação e a necessidade da palavra para aprender a pensar e, conseqüentemente, comunicar-se é parte da sua própria decadência. Existiria então uma linguagem no estado de

³¹ O *Ensaio sobre a origem das línguas* foi publicado só depois da morte de Rousseau, datado em 1759 como um ensaio fundamental para a compreensão de suas ideias sobre linguagem e progresso. Sobre este “Ensaio” há várias especulações quanto sua data de produção e sua originalidade textual enquanto obra única ou trechos organizados de outros escritos de Jean-Jacques Rousseau. O certo, que já no *Segundo Discurso* ele menciona uma investigação sobre as línguas: “Que me seja permitido examinar por um instante, as dificuldades relativas à origem das línguas”. (p. 246.). E no *Emílio ou Da Educação* em diversas passagens Rousseau se utiliza da linguagem como forma de ensinamento aos tutores para ensinarem seus alunos a fazerem bom uso das palavras: “Em uma palavra, ensinai a vosso aluno a amar todos os homens, inclusive os que os desdenham; fazei com que ele não se coloque em nenhuma classe, mas que se encontre em todas; falai diante dele, e com ternura, do gênero humano, com piedade até, mas nunca com desprezo. Homens não desonrem o homem”. (p. 253).

³² ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Tradução: Lourdes Santos Machado. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, p.163.

natureza? A única expressão gritante da natureza, por sua vez, desempenhava instintos gestuais que fizera ouvir sua própria condição. Citando Rousseau:

A primeira língua do homem, a língua mais universal, a mais enérgica e a única de que se necessitou antes de precisar-se persuadir homens reunidos, é o grito da natureza. Como esse grito só era proferido por uma espécie de instinto nas ocasiões mais prementes, para implorar socorro nos grandes perigos ou alívio nas dores violentas, não era de muito uso no curso comum da vida, onde reinam sentimentos mais moderados.³³

O homem natural percebe a voz da natureza, sentindo o eu dentro de si, expressando uma linguagem, mesmo por gestos, olha o outro com compaixão. Para o homem social está voz se tornará distante, ele já não fala ao coração, mas a razão, porque à medida que as paixões vão se desenvolvendo, as necessidades também aumentam e as luzes se expandem, substituindo os sentimentos naturais pelas ideias articuladas. A voz instintiva da natureza clamava por socorro, quando estava em perigo ou alívio da dor, do instinto de conservação da espécie se perdera para um discurso pronto, desprovido dos bons sentimentos, mas do interesse, do subjugo e da funesta desigualdade.

Quando a linguagem se articula, a voz da natureza se apaga, perdendo a inocência da língua para vias funestas do amor-próprio. Pois, como bem simboliza Rousseau, a partir do instante que o homem fez uso da palavra, fincou uma estaca dizendo “isto é meu”, e ninguém teve a audácia de se opor a sua fala, o gesto não lhe conferia mais poder. O que era predominância da gestualidade, do gritante, cedeu lugar à ambição do desejo de posse e da língua articulada para estreitar as relações sociais.

Por isso, a linguagem e a sociedade estão ligadas, pois o homem não nasceu falante, tornou-se falante, assim, da mesma forma, aquele não nascera civilizado, fez-se social. A obscuridade da fala articulada levou ao mal entendido da voz, dos abusos presentes, precedentes do amor-próprio, a primazia do amor de si mesmo foi abafada pela voz da autoridade humana, perdendo a plenitude da inocência para a ardilosa força da violência corrupta

³³ ROUSSEAU, op. cit., p. 248.

da sociedade maldosa. Segundo Jean Starobinski, a perversão da linguagem impediu-a de atingir seu apogeu eloquente e encaminhou-a ao declínio:

A linguagem degenera, corrompe-se, torna-se discurso abusivo, arma envenenada: o homem, simultaneamente, desencaminha-se, comporta-se como enganador e mau. Da mesma maneira que o nascimento da sociedade corresponde à emergência da linguagem, o declínio social corresponde a uma depravação linguística.³⁴

Se a voz da natureza foi envenenada pelo discurso abusivo da palavra enganadora, o eu que fala com o próprio homem, jamais se expressará no interior do homem social. A sociedade sufocou a língua ao ponto da mesma dizer que se tornou imperceptível, a importância adquirida progressivamente da linguagem discursiva, regredindo a intensidade da voz da natureza, apagando-se à medida que a articulada se aperfeiçoa.

Por mais que se faça entender o progresso das línguas de forma corruptível, é perceptível na concepção de Rousseau a evolução da linguagem não separável da história do desejo, confundindo-se com etapas da socialização. Por isso, o genebrino, não vê o processo histórico de forma positiva, mas um progresso da história numa concepção negativa.

³⁴ STAROBINSKI, op. cit., p. 316.

4 A HISTÓRIA SOBRE O PONTO DE VISTA NEGATIVO

Na linha do pensamento histórico do século XVIII, faz-se necessário identificar em Jean-Jacques Rousseau as questões que o levou a observar na história da civilização um tema fundamental a ser explorado (a história negativa do homem), embora o desenvolvimento pareça complexo ao entendimento, a questão histórica é vista a partir da realidade social, multifacetada pelo progresso. Mesmo não sendo propriamente um historiador, devotou grande parte de seu esforço intelectual a refletir sobre o *devir* histórico, com o objetivo de compreender os processos relevantes que encaminham o ser humano a sofrer profundas alterações em seu modo de vida e, acima de tudo, em sua constituição moral.

Segundo o autor dos *Discursos*, a humanidade está marcada pela história do declínio moral e social e, não se dá conta que a proposta de progresso é uma máscara ilusória criada pelo Iluminismo para nutrir a desgraça dos sentimentos naturais. Pensa-se que o “Calcanhar de Aquiles” efetivado pelo progresso está inserido aos próprios mecanismos de formação dos males na saída do Estado de Natureza para o Estado Civil, ocorrendo a alteração da natureza humana essencialmente boa para o predomínio definitivo do tenebroso amor-próprio, este, determinante na preponderância da efetivação da desigualdade entre os homens.

Por isso, tanto no plano da história quanto da moral, Rousseau vê uma relação totalmente intrínseca, pois uma está ligada a outra, jamais se pode conhecer a finalidade histórica, sem se dar conta de investigar a moralidade desde os princípios de todas as raças e povos, nem somente o mundo civilizado como faz os historiadores. Dessa forma, Jean Starobinski justifica: “Eis aqui a tua história! Apenas, a história com que Rousseau vai entreter-nos não é aquela de que se ocupam os historiadores. Não falará dos impérios nem de seu destino. Ele toma distância; decidiu olhar as coisas de mais longe.”³⁵. Afinal, ao olhar para as condições de vida da humanidade nos séculos passados e comparando-as com a da contemporaneidade do século XVIII, os registros históricos demandam graus enormes de diferenças no que

³⁵ Ibid., p. 296.

diz respeito a evolução do progresso, portanto, o contexto iluminista se empolga às ideias que estimularam o conjunto valorativo presentes nos homens, beneficiando a sociedade, o desenvolvimento das artes e das ciências, o uso da razão, certamente aumentariam esforços da civilização na emancipação contra a intolerância, o direito à liberdade e a renegação dos dogmas religiosos falseadores da realidade.

Jean-Jacques Rousseau apesar de vivenciar o movimento, não compartilha da corrente histórica do progresso, do aprimoramento do eu corruptível e dos valores da simplicidade primitiva em prol da imoralidade do amor-próprio, visto que, segundo o autor, registros históricos apenas relatam marchas dos conflitos e jamais causas que levaram aquilo acontecer, ou seja, as verdadeiras virtudes são esquecidas e as ações dos homens ficam estampadas pela figura do herói da guerra. No Livro IV do *Emílio ou Da Educação* diz o seguinte:

A história é em geral defeituosa porque só registram os fatos sensíveis e marcantes, que se podem fixar com nomes, lugares, datas; mas as causas lentas e progressivas desses fatos, que não se podem apontar da mesma maneira, permanecem desconhecidas. Encontramos muitas vezes numa batalha ganha ou perdida a razão de uma revolução que, já antes da batalha, se tornara inevitável. A guerra não faz senão manifestar acontecimentos já determinados por causas morais que os historiadores raramente sabem ver.³⁶

Diante disso, pode-se conhecer os primeiros aspectos da concepção de anti-progresso do *homem das letras*. Recordar-se que, ao ganhar o prêmio da questão proposta pela Academia de Dijon (1750) (“O restabelecimento das ciências e das artes contribuiu para o aprimoramento dos costumes?”), responderá no *Discurso sobre as ciências e as artes* de forma negativa, que apenas tornou-os corruptos e imorais. Rousseau passou a ser alvo de críticas e exaltação; frequentando os grandes salões parisienses, também se tornou o estraga festa do Iluminismo, contrariando a ideia de progresso que estava em efervescência na França do mesmo século. Este primeiro passo dado pelo filósofo, identificando um progresso baseado no luxo, na desigualdade, no

³⁶ ROUSSEAU, *Emílio ou Da Educação*, p. 271.

talento e nas aparências, abriu espaço para explicar este a partir de outro trabalho.

No *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* fará uma demonstração mais árdua da história do progresso, quando responde a outra questão da Academia de Dijon (1753): “Qual é a origem da desigualdade entre os homens, e a mesma é autorizada pela lei natural?” Propõe o resgate de um Estado de Natureza apagado pela história do nascimento da vida em sociedade que afastou gradativamente o ser humano da natureza e a desigualdade passa a caracterizar as condições dos indivíduos uns em relação aos outros, despertando necessidades artificiais que constituem a civilização.

Mas, no *Emílio ou Da Educação* apresenta um projeto pedagógico que poderia contribuir para impedir que os males da sociedade degenerem o espírito naturalmente bom dos homens.

Rousseau mostra-se não um inimigo da civilização, mas, daquela que sufoca a voz da natureza nos corações humanos e faz da desigualdade sua condição de existência. O filósofo percebe na própria promessa do Iluminismo a razão enquanto instrumento também opressor e de domínio social sobre a transformação do natural; dos avanços do saber científicos e das artes, sobrepondo-se a valores morais.

Parte daí, as razões para Jean-Jacques Rousseau recusar o progresso e a história dos modernos, pois, segundo o mesmo, estes historiadores não representam nada, além das causas da guerra: figuras de exterioridade, da indiferença e da servidão daqueles que submetem aos caprichos do seu senhor, subentendendo as verdades dos fatos e colocando o seu brilho em primeiro plano. Por isso, busca como modelo de historiografia os antigos, na pessoa de Heródoto e Tucídides por representarem as ações dos povos e não julgá-los antes de conhecê-los. Desse modo, considerando aspectos de eminentes historiadores (Heródoto e Tucídides) do passado, Rousseau pressupõe revisitá-los à sua principal finalidade, equiparando-os com os da modernidade, responsáveis por registros ilustrativos das guerras, dos assassinios e da posse.

4.1 A concepção cíclica e linear de história

A história, como todo discurso específico, nasceu de uma lenta emergência de sucessivas rupturas com o gênero literário, em busca da verdade na Antiga Grécia do século V a. C. com Heródoto e Tucídides. Apesar de não existir esta palavra em nenhum dos textos dos antigos historiadores, a tradição lhes atribuiu o nome de história por ter encontrado nas obras de Heródoto de Halicarnassos resultados de uma investigação de relatos de viagens em narrativas informativas que englobavam aspectos da realidade, dignos de memória. Portanto, Heródoto ficou conhecido como o pai da história, pela aquisição de conhecimentos na busca das razões e causas em verificar os fatos e Tucídides o primeiro historiador crítico.

Ao narrar os grandes feitos gregos e bárbaros, o historiador grego de Halicarnassos mostra-se bastante equilibrado, conserva os dois lados das ações, falando daquilo que ele mesmo viu, mas também do que ouviu falar por outros, privilegiando a palavra da testemunha, não deixando a tradição mítica e poética transmitida de geração em geração através da imediatez da palavra falada e ouvida. Na verdade, este não exalta a lembrança das grandes façanhas, procura a conservação na memória daquilo que os homens realizaram, glorificando não mais os grandes heróis e sim valores do coletivo e, deste resgate do tempo mítico e religioso de forma racional, considera-se que tanto um quanto o outro povo não são melhores nem piores, simplesmente diferentes. Este ciclo de compensação justa detalhada por Heródoto remete a pensar o termo igualdade proferido por Rousseau no Estado de Natureza, da diferença dos homens para os animais pelo grau de consciência de um para outro. François Dosse ressalta o seguinte sobre o historiador grego:

As histórias de Heródoto tornaram-se o espelho no qual o historiador não cessa de interrogar-se sobre sua identidade. É aí que ele encontra as raízes de uma humanização do tempo efetivo, uma participação do homem na temporalidade sensível, enquanto o mito ou a lenda tinha ciclos atemporais ou circulares.³⁷

³⁷ DOSSE, François. **A história**. Tradução: Maria Elena Assunção. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 15.

A defesa de uma concepção de sociedade humana fundada no *logos*, isto é, no diálogo argumentativo entre iguais que procuram juntos regras comuns de ação, visando o memorável, o resgate do passado, do esquecimento nas palavras das testemunhas e das lembranças de suas ações, difere da concepção do grego Tucídides, por entender que este resgate da memória acaba causando mudanças no trabalho do historiador. Desse modo, é perceptível de reconhecer no pensamento deste historiador a negação da memória, talvez por isso, não conta as várias versões do mesmo fato, para deixar o leitor livre de escolher, ele já decide pelo leitor.

Heródoto escreve para resgatar um passado ilustre e Tucídides no presente sobre o presente para instituir o futuro. Visto que, os dois permitem observar a história em sua gênese, tão somente sobre o signo da memória, mas também o da dupla determinação: da fortuna que percorre as ações humanas e a necessidade, presença de causas determinantes no curso dos acontecimentos, independente da vontade humana, determinando tempos circulares.

A partir da Idade Média, o tempo cíclico dá lugar ao tempo linear, articulando-se entre passado, presente e futuro, onde o presente vincula-se ao passado pela morte e ressurreição de Cristo e o futuro pela salvação e consumação. Esta forma de pensar o tempo histórico em acontecimentos num tempo contínuo é inaugurada por Santo Agostinho (350-430) ³⁸, onde o que importa é a ordem providencial e não a da natureza, ou seja, a história acontece num plano já determinado por Deus. A reflexão Agostiniana dá suporte para o predomínio da teoria linear (providencialista) suplantando a teoria cíclica dos Antigos. Mas, nos séculos XIV e XV, quando começam sinais do Renascimento, a teoria Antiga é retomada, dessa vez, com a preocupação às formas e transformações de governo. Este efeito inesperado sobre a concepção de história abriu um campo de discussões para teorias modernas a respeito do progresso; o embate estava lançado, restringiu-se especificamente ao século XVIII com o surgimento da “Filosofia da História”, os modernos divergem quanto à veracidade do tempo enquanto retorno perene e tempo marcado pelo nascimento e morte. As duas ideias são pertinentes de

³⁸ SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 322-326.

confrontos para o Século das Luzes, ainda mais, com a idéia de progresso se fortificando a toda Europa. Conforme a observação de Ricardo Terra: “No século XVIII a filosofia da história se constitui no confronto de uma concepção linear de história com outra cíclica. A noção de progresso torna-se mais precisa e englobante à medida que a concepção linear da história suplanta a cíclica”.³⁹ Dessa forma, o fortalecimento da história linear, instiga historiadores modernos na investigação de fatos históricos que possam justificar a visão racional de progresso.

A certeza é que a perspectiva de tempo linear nasce com a tradição judaico-cristã, onde a trajetória é circunscrita por uma linha histórica determinada, tem começo e fim em contraposição a uma ideia cíclica de tempo sem começo nem fim, mas um eterno retorno, isto é, a história é marcada pelo movimento dos acontecimentos. Contudo, as teorias da história explicam a evolução da espécie humana, estabelecendo relações entre os fatos, de modo a resultar numa explicação racional do passado e da previsão do futuro.

Longe de uma ideia de Providência Divina atuando na história e, ao mesmo tempo, em continuidade com a ideia de um *télos* num tempo histórico constituído em torno do progresso, a Filosofia das Luzes pensa no caráter racional do processo histórico, sendo a sociedade a marcha contínua para o progresso, num vasto processo de emancipação da humanidade. Dosse comenta:

A história é, então, a exemplificação dessa marcha da Razão para a transparência. Ela é a fonte maior a partir da qual se realiza a figura da Razão enquanto instrumento da liberdade e da perfeição humana em escala universal.⁴⁰

Diante das duas concepções de tempo histórico, Jean-Jacques Rousseau caminha para o aspecto linear, pensando a história às condições de existência dos homens e questionando o devir histórico.

A filosofia da história de Rousseau, além de traçar um processo evolutivo do Estado de Natureza ao Estado Civil, coloca em questão também a

³⁹ TERRA, Ricardo. **Algumas questões sobre a filosofia da história em Kant**. In: KANT, Immanuel. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Tradução: Rodrigo Naves. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 25.

⁴⁰ DOSSE, op. cit., p. 230.

afigura de quem escreve. Ao que se pode indagar: Que postura o historiador deve assumir no cenário histórico? No *Emílio* é contestada a forma como é apresentada a história aos homens:

Os piores historiadores para um rapaz são os que julgam. Dêem-lhe fatos, unicamente fatos, e que ele próprio os julgue. Assim é que aprende a conhecer os homens. Se o julgamento do autor o orienta sem cessar, ele se limita a ver pelo olho de outro; e quando lhe falta esse olho ele não vê mais nada.⁴¹

Se as fontes do historiador estão na encruzilhada do que ele viu, ouviu ou leu, a tradição grega é aquele que sabe que viu o testemunho, ou seja, ver é saber e os melhores relatos são aqueles considerados como diretamente oriundos de testemunhas oculares. Sobre os modernos, Rousseau percebe no historiador uma escrita movida pelo interesse de suas paixões em mostrar as más ações. Para ser mais enfático segundo Maria das Graças de Souza na sua leitura sobre o genebrino a cerca do papel do historiador no que tange a adequação dos fatos para a educação dos jovens, pode-se afirmar também que:

Em primeiro lugar, a história deve mostrar os homens como são, pelo relato de suas ações. Em segundo lugar, o historiador deverá assumir uma postura de espectador do cenário da história, para que possa mostrar os acontecimentos sem interferência de seus interesses e paixões. Nas palavras de palavras de Rousseau, o historiador não pode se apresentar nem como cúmplice, nem como acusador.⁴²

Essa postura faz com que o leitor possa conhecer o coração dos homens sem os olhos do outro e julgue os próprios fatos, extraindo lições morais. Quanto ao historiador, deve procurar ver os homens mais de longe, descobrindo as causas morais dos fatos escondidas por uma história de princípios produzidos pelos feitos dos grandes heróis e pinturas de más qualidades. O que se tem é uma história marcada pelo desvinculamento da moral, o peso da desigualdade, dos vícios, do luxo e dos grandes homens segue um progresso desenfreado pelo uso da razão.

⁴¹ ROUSSEAU, op. cit., p. 270.

⁴² SOUZA, Maria das Graças de. **Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês**. São Paulo: Discurso Editorial, 2001, p. 49.

À luz do pensamento de Rousseau, a concepção do progresso é inteiramente do declínio, tanto do ponto de vista das transformações das quais passou a alma humana, quanto das instituições, cujo mal produzido pela história e o avanço da desigualdade transformou o homem um servo deste processo de civilização, no qual o curso do tempo devora a perfeição natural.

4.2 A história do declínio

A imagem do tempo que devora todas as coisas é o ápice do longo movimento histórico de distanciamento da natureza, remetendo-se à ideia de história como declínio e manifestação do progresso pelas falsas luzes, assim Salinas Fortes adverte: “Se o homem se corrompe e se a sua própria imagem se desfigura é em grande parte graças ao predomínio das suas falsas luzes”.⁴³ Dessa forma, Jean-Jacques analisa a artificialidade proferida pelo próprio homem já desde o *Discurso sobre as ciências e as artes*, quando responde negativamente a questão da Academia de Dijon, equiparando entre as cidades ditas primitivas (Egito, Grécia e Roma) e as sociedades civilizadas, anunciando que a passagem de uma e outra se dá pelo crescimento das artes e das ciências, acrescidas pela corrupção dos costumes.

No *Primeiro Discurso* a depravação acontece pelo aviltamento das virtudes, do subjuço do eu e do emblemático mundo das artes e do luxo que fazem do homem um ser de máscaras numa sociedade pulsada pelo interesse, riquezas, aparências e conquistas. O luxo é uma das principais causas da decadência, porque segundo Rousseau, os humanos passaram a valorizar coisas supérfluas, materializando sentimentos e criando vícios e vaidades que: “Desse modo, a dissolução dos costumes, conseqüência forçosa do luxo, acarreta por sua vez a corrupção do gosto”.⁴⁴ O genebrino também ressalva no *Discurso sobre a economia política*⁴⁵, os objetos de luxo que invadem as cidades, trazendo diversão, lazer aos cidadãos e ociosidades dos quais se

⁴³ FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Rousseau: da teoria a prática**. São Paulo: Editora Ática, 1976, p. 50.

⁴⁴ ROUSSEAU, **Discurso sobre as ciência e as artes**, p. 345.

⁴⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre economia política**. Tradução: Maria Constança P. Pissarra; Prefácio de Bento Prado Jr. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 56-57.

maravilham com as artes e as ciências num sentido de perfeição. E que os povos conquistadores em vez de ensinar aos cidadãos a serem bons e amarem a pátria, ajudam a aumentar suas misérias, escondendo-lhes um dos únicos instrumentos eficaz de integridade: a virtude, para se instruir-se a hábitos de enriquecimentos. Para Rousseau é dever da história ensinar a prática das boas virtudes, mas foi feito dela um recurso também de maus exemplos, deixando que a razão falasse ao coração e despertasse no homem um estado do interesse.

No *Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens*, o declínio ganha proporções na história do progresso, da desigualdade, da desagregação dos corpos políticos defeituosos, constituído pelo vício, iniciando com a propriedade privada e se desenrolando ao amor-próprio, o qual deu origem a novas paixões, desde que, o homem começou a olhar os outros e desejar ser olhado também, portanto, das primeiras preferências nasceram às paixões corruptoras dos sentimentos mais puros da natureza humana: o amor de si mesmo e a piedade. Rousseau desloca o homem como dono de seu próprio mal:

A sociedade nascente foi colocada no mais tremendo estado de guerra; o gênero humano, aviltado e desolado, não podendo mais voltar sobre seus passos nem renunciar às aquisições infelizes que realizara, ficou às portas da ruína por não trabalhar senão para sua vergonha, abusando das faculdades que o dignificam.⁴⁶

O comprometimento com o forjamento nefasto do progresso da história moral e social das aparências desencadeou “frutos amargos” na alimentação do seu mal. Porém, sobre a temporalidade da qual o homem prossegue, e que é descrita por Rousseau, a comentadora Maria das Graças de Souza⁴⁷ apresenta uma explicação bastante sucinta a este momento. Ao identificar à luz da visão rousseuniana à história dos modernos como da exterioridade, da indiferenciação na máscara, o tempo da linearidade, cujas almas, corromperam-se na medida em que as ciências e as artes avançaram em direção à perfeição, cria-se uma sociedade tendo como ponto de partida a

⁴⁶ ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 268.

⁴⁷ SOUZA, op. cit., p. 48-71.

rusticidade (pureza) e de chegada, o estado de civilização (corrupção), cujo progresso significou o enfraquecimento do homem, o mesmo passou a experimentar sentimentos novos e continuar a sofrer males, que o próprio os engendrou contra suas disposições naturais.

Na concepção de história, a partir do *Segundo Discurso*, Rousseau introduz elementos importantíssimos, o movimento que degenera e enfraquece parte da fundação da propriedade privada, primeiro passo para desigualdade, estabelecendo a diferença entre ricos e pobres, dos quais os degraus a percorrer acabam transformando completamente a alma humana e criando instituições governamentais viciadas na submissão e servidão do povo às suas leis arbitrárias, instituindo o despotismo na República, que acabam falseando as leis de igualdade. A força agora é o comando do governo, mas também da degeneração do Estado.

A trajetória linear de decadência e corrupção progressiva nos dois *Discursos* é significativamente atribuída tanto a alma humana, quanto às instituições das quais este processo histórico se passa. Voltando-se para a obra *Emílio ou da Educação*, precisamente no Livro IV⁴⁸, Rousseau colocará a trajetória pedagógica da educação moral na qual seu discípulo Emílio terá que percorrer para tornar-se um cidadão virtuoso, passando pelo estudo da história. Sendo que, o mesmo não tendo olhado senão para si mesmo, agora terá que conhecer os homens pela observação de suas diferenças, ou seja, se até a presente idade o jovem Emílio fora instruído por sua própria experiência, tratar-se-ia agora de instruí-lo pela experiência de outrem.

Neste momento de observação do outro, o jovem aluno descobrirá as raízes dos males processados na história da humanidade. Para surpresa, Jean-Jacques identificará no *Emílio* o seguinte:

Homem não procure mais o autor do mal; és tu mesmo esse autor. Não existe outro mal senão o que fazes ou sofres, e um e outro te vêm de ti. O mal geral não pode estar senão na desordem, e eu vejo no sistema do mundo uma ordem que não se desmente nunca. O mal particular não está senão no sentimento de ser que sofre; e este sentimento o homem não o recebeu da natureza, ele o criou. A dor age pouco sobre quem, tendo pouco refletido, não tem nem lembrança nem previsão. Ponde de lado nossos tristes progressos,

⁴⁸ ROSSEAU, *Emílio ou Da Educação*, p. 265-268.

ponde de lado nossos erros, ponde de lado a obra do homem e tudo estará certo.⁴⁹

A história é recurso pelo qual aquele aprendiz (Emílio) buscará identificar os progressos no tempo, olhando lá longe as transformações que a natureza humana passou, colocando-se como espectador sem interesse e paixão, diferente dos historiadores modernos que se abstraem das ações do homem e narram apenas a história dos heróis, tornando-se cúmplice de suas narrações. Para Rousseau, o coração seria a base para se ler as boas ações e a história deveria ser o registro desses povos, mas ficam a mercê de belos discursos dispostos a julgar os fatos, sem dá direito ao leitor fazer as suas conclusões.

A história hipotética de Jean-Jacques Rousseau acontece num tempo linear desenvolvido por longos degraus de destruições dos sentimentos originários, degenerados pelo progresso histórico da sociedade de desigualdades e aparências, pelos vícios mais tenebrosos e corruptores do coração humano. Esta reconstrução do tempo histórico elaborado por Rousseau considera-se um desdobramento crítico da condição humana em que se encontra a sociedade e valores morais vigentes, usurpados pelo ato de fé na exaltação da razão e do progresso a partir do Renascimento, prolongando-se à proposta do Iluminismo e adquirindo força maior no século XVIII, precisamente na França, período chamado de Ilustração. Todo este movimento ganha expressividade no continente europeu, no qual, fica marcado por grandes manifestações de caráter político, social, econômico, religioso e cultural.

Nestas situações, os homens deslocam-se na negação de virtudes naturais e reabilitam-se a conviver no subjugo do eu particular, das paixões viciadoras, do luxo, de instituições depravadas, leis arbitrárias, da continência à desigualdade, ciências e artes colocadas sobre a moral. Deste modo, Rousseau ao conviver com o arsenal introspectivo leva-o a um desabafo contra os próprios homens como responsáveis por todo o declínio de sua história, começando pelo Estado de natureza e desabrochando no corrupto Estado Civil do “progresso”.

⁴⁹ Ibid., p. 326.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se com este trabalho acadêmico buscar explicação à concepção negativa de progresso na história à luz do filósofo Jean-Jacques Rousseau a partir dos resultados obtidos em suas pesquisas sobre a história do progresso, é possível também expor considerações sobre a história do progresso da civilização como da desigualdade entre os homens e do declínio moral e social. O método analítico adotado foi de cunho bibliográfico na seleção das obras do autor: os *Discursos* e alguns trechos do Livro IV do *Emílio*, mas também na leitura de eminentes comentadores para esclarecer e sustentar os possíveis argumentos.

Rousseau, ao pressupor uma história da civilização revela que a humanidade decidiu-se afastar da natureza para dar origem a um novo mundo cuja organização, torna-se a cada dia mais complexa e desafiadora, onde o homem é responsável pela construção de sua realidade e, cabendo a este combater as mazelas que o atingem, em vez de se perder em queixas inúteis sobre o infortúnio da existência, podendo compreender e dominar seu próprio destino e graças a este esforço, encontrar o sentido e valor da vida, elevando sua dignidade moral a uma felicidade plena.

Desse modo, levou-se em consideração o desencadear de ideias e argumentações plausíveis, no qual Jean-Jacques confere ao homem, quando este repensa seus valores morais dentro de um itinerário e exaltado progresso que desenvolve uma história de decadência, incumbindo-lhe resgatar virtudes inerentes à natureza humana contra os males dessa sociedade de pura desigualdade e declínio. Justamente, o convívio numa sociedade multifacetada por um contexto progressista marcado pelo avanço das ciências e das artes, da ambição pelo luxo, da luta de classes e poder da razão, é que o homem do século XVIII vê neste, o momento de sair do obscurantismo religioso, da submissão aos poderes vigentes, da ignorância e da infelicidade para acreditar na ideia de progresso proferida pela corrente iluminista que diz ter encontrado através da razão o caminho da felicidade e dias melhores.

Apesar de se colocar no meio dos enciclopedistas, divulgadores dessas ideias, Rousseau percebe consequências irreversíveis nesta promessa, pois para ele, tais ideias estavam levando os homens a perderem a inocência originária e desencadeando um processo na humanidade para o progresso da desigualdade, criando uma civilização de necessidades viciosas e aparentes. Esta percepção do genebrino faz o mesmo pensar em reconstruir a história da humanidade por um estado que talvez nunca tenha existido, para demonstrar à sociedade de seu tempo, onde existiu a verdadeira felicidade e em que circunstâncias tudo se transformou e corrompeu o homem

O trajeto começa pela virtude e perfeição natural do Estado de natureza, cujos homens tinham plena liberdade, igualdade e sentimentos inatos (*amor de si mesmo e piedade*) que caracterizavam como seres humanos bons para uma civilização movida por uma faculdade de aperfeiçoamento, desenvolvendo os sentimentos mais cruéis (*amor-próprio*).

O declínio da história pressuposta por Rousseau acontece na negação das virtudes naturais e criação da propriedade privada, fundando o Estado Civil, a lei do mais forte, gerando desigualdades que levam a natureza humana à ruína. Por isso, Jean-Jacques Rousseau responsabiliza o homem pela própria decadência e corrupção dos valores morais; pensa o mal na sociedade como “filho” de todas as misérias que o homem adquiriu ao longo dessa evolução humana, da busca da perfeição natural aos corruptíveis corpos políticos, cúmplices do massacre dos sentimentos puros e a nascente das paixões do interesse, egoísmo e do luxo, numa sociedade multifacetada pela desigualdade de classes, resultando no declínio social e moral.

Portanto, se a história segue um percurso linear, desencadeado por um progresso transformador, que tira do homem a essência original num processo movido pelo artifício da ideia de civilização, onde é o homem, o próprio ser responsável por suas ações no percurso histórico.

REFERÊNCIAS

CASSIRER, Ernst. **A Filosofia do Iluminismo**. Tradução: Álvaro Cabral. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 1994.

DOSSE, François. **A história**. Tradução: Maria Elena Assunção. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

FAÇANHA, Luciano da Silva. **Para Ler Rousseau: uma interpretação de sua narrativa confessional por um leitor da posterioridade**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2006.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Rousseau: da teoria à prática**. São Paulo: Editora Ática, 1976.

_____. **O Iluminismo e os reis filósofos**. (Coleção tudo é história) São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Rousseau: o bom selvagem**. São Paulo: FTD, 1989.

NASCIMENTO, Milton Meira do; SOUZA, Maria das Graças Souza. **Iluminismo: a revolução das luzes**. São Paulo: Ática, 2007.

RICHARD, Tarnas. **A epopéia do pensamento ocidental: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo**. Tradução: Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes**. Tradução: Lurdes Santos Machado; introdução e notas de Paulo Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **Emílio ou Da Educação**. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **Discurso sobre economia política e Do Contrato Social**. Tradução: Maria Constança Peres Pissarra; prefácio de Bento Prado Junior. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SIMPSON, Matthew. **Compreender Rousseau**. Tradução: Andréa Drummond. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SOUZA, Maria das Graças de. **Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês.** São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

STAROBINSKI, Jean. **Jean- Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguido de sete ensaios sobre Rousseau.** Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TERRA, Ricardo. **Algumas questões sobre a filosofia da história em Kant.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.